

OESTE BAIANO: DA AGRICULTURA FAMILIAR À AGROINDÚSTRIA

6-Problemática de los espacios agrários

Fernandes, Raony Chaves 1(*)

Lobão, Jocimara Souza Britto 1

Vale, Raquel de Matos Cardoso 1

1 - Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS-BAHIA | (*) Brazil

RESUMO: O Brasil possui uma dinâmica agropecuária dividida em várias formas básicas de organização do espaço agrário, dentre elas a agricultura familiar de pequenos produtores, e os latifúndios voltados ao agronegócio. Durante todo o processo de colonização do território nacional, os latifúndios foram beneficiados por políticas públicas, conseqüentemente as áreas consideradas menos valorizadas, seja por conta do regime de chuvas, ou por questões referentes à baixa fertilidade do solo foram ocupadas por pequenos produtores. A Bahia não foge dessa dinâmica, em especial a Região Oeste do estado que até a primeira metade do século XX, permaneceu, como um imenso território de reserva, parcialmente ocupado e com atividades agropecuárias tradicionais. Posteriormente, a partir da década de 1970, houve a modificação desse cenário. A região foi marcada por um novo ciclo de desenvolvimento, com intensa transformação do espaço, além de um vigoroso movimento populacional intra e inter-regional. O objetivo do trabalho é analisar a produção dos principais produtos agrícolas nos municípios do Oeste baiano (Angical, Baianópolis, Barreiras, Canápolis, Catolândia, Correntina, Cotegipe, Cristópolis, Formosa do Rio Preto, Jaborandi, Luis Eduardo Magalhães, Mansidão, Riachão das Neves, Santa Maria da Vitória, Santa Rita de Cássia, São Desidério e Wanderley), no período de 1996 a 2006. A região Oeste é de grande importância para o estado da Bahia, onde à presença de latifúndios, da agroindústria e da produção voltada para a exportação, contraposta às atividades de pequenos produtores da região, com o cultivo de feijão, milho e mandioca lhe confere uma dinâmica socioespacial própria. Para esse estudo foram utilizadas técnicas de geoprocessamento, possibilitando a geração de um banco de dados em forma de Sistemas de informações Geográficas - SIG permitindo análises têmporo-espaciais mais eficazes. Para a elaboração deste trabalho foi realizado uma revisão bibliográfica, pesquisas de campo e o levantamento de dados do Censo Agropecuário do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, sistematizada para a confecção de mapas temáticos, gráficos e tabelas. Foi possível produzir um diagnóstico do Oeste da Bahia, com o intuito de identificar e compreender a dinâmica do espaço rural.

PALAVRAS-CHAVE: Oeste baiano, Soja, Agricultura familiar, Espaço rural.

ABSTRACT: Brazil has a dynamic agricultural sector divided into several basic forms of agricultural organization area, among them large farms turned to agribusiness and the family farm. Throughout the process of colonization of the territory, the large farms has been enhanced by public policies, therefore the areas considered less valuable, either on account of the rains, or low soil fertility were occupied by small producers. Bahia is embedded in this dynamic, especially the Western Region of the state that until the first half of the twentieth century remained as an immense territory of reserve, and partially filled with low level of economic activity. From the 1970s, there was a change of scenery. The region was marked by a new cycle

of development, with intensive transformation of space, in addition to a strong regional population movement. The objective of this article is to analyze the agricultural production of the following municipal district in the western Bahia: Angical, Baianópolis, Barreiras, Canápolis, Catolândia, Correntina, Cotegipe, Cristópolis, Formosa do Rio Preto, Jaborandi, Luis Eduardo Magalhães, Mansidão, Riachão das Neves, Santa Maria da Vitória, Santa Rita de Cássia, São Desidério e Wanderley, from 1996 to 2006. The justification of this work is the importance that the western region accounts for the state of Bahia, from its socio-space dynamic, with the presence of large farms, the agribusiness and production devoted to exports, imposed to the activities of small producers in the region, with the cultivation of beans, corn, and manioc. For this study were used techniques of geoprocessing, allowing the generation of a database in the form of geographic information systems allowing temporal-spatial analysis more effective. For the preparation of this work was a bibliographic review, field search and survey data from Census of Agriculture IBGE - Brazilian Institute of Geography and Statistics. It was possible to produce a diagnosis of the West of Bahia, in order to identify and understand the dynamics of rural areas.

KEY-WORDS: West Bahia, Soybeans, Family Agriculture, Rural Area.

1. INTRODUÇÃO

A dinâmica agropecuária brasileira é dividida em diversas formas básicas de organização do espaço agrário podendo citar a disparidade entre a agricultura familiar e os latifúndios voltados ao agribusiness. Desde a época das capitâneas hereditárias os latifúndios, caracterizados como grandes extensões de terras na posse de apenas um proprietário, foram beneficiados por políticas públicas. Como consequência disto, as áreas consideradas menos valorizadas, seja por conta do regime de chuvas ou por questões referentes à baixa fertilidade do solo foram ocupadas por pequenos produtores. Semelhante a dinâmica da formação do espaço agrário brasileiro, está o Oeste baiano, possuidor de uma história recente de ocupação, com uma intensificação demográfica nas décadas de 1970 e 1980.

A região do Oeste baiano permaneceu até a primeira metade do século XX, como um imenso território de reserva, parcialmente ocupado e com baixo nível de atividade econômica. A partir da década de 70, a região foi marcada por um novo ciclo de desenvolvimento, com intenso e rápido processo de transformação além de vigoroso movimento populacional intra-regional e inter-regional (SANTOS, 2000). Esta é uma área da Bahia que tem grande importância econômica a partir da agropecuária, destacando a criação de gado, produção de grãos e a fruticultura. O processo de desenvolvimento do Oeste baiano teve como determinantes principais a disponibilidade de recursos naturais, solos planos de cerrado, com precipitação regular e temperaturas amenas; a intervenção governamental, na forma de políticas de implantação de infra-estrutura, de irrigação, fundiárias e creditícias; os fluxos de capitais privados que complementaram o aporte de capital estatal e a presença de atores sociais diferenciados em relação aos agentes econômicos tradicionais do mundo rural baiano, provenientes de ambientes nos quais a dotação de capital social é mais elevada (BAIARDI, 2004).

A Região Oeste possui uma dinâmica de ocupação peculiar das demais regiões da Bahia, por ser uma área distante da capital Salvador, cerca de 850 Km, sempre foi considerada uma área de reserva, um verdadeiro vazio demográfico. Através de políticas desenvolvidas pelo setor público, que iniciou-se o processo de ocupação da região, população essa oriunda principalmente da região Sul do Brasil, geralmente gaúchos, em busca de novas fronteiras agrícolas, para a implantação da moderna agricultura mecanizada.

A implementação da moderna agricultura no espaço dos cerrados baianos foi um dos poucos fatos econômicos ocorridos no território do Estado, responsável pela mudança do perfil econômico político e geográfico da produção agrícola no Oeste da Bahia. Fato esse que marcou a incorporação da região como área produtiva no cenário econômico nacional, atendendo ao movimento de expansão do capital para a criação de uma nova fronteira agrícola. Com o auxílio das forças econômicas e políticas dominantes da região, atuando com o apoio de organismos do Governo do Estado (SANTOS, 2007)

Esse artigo tem como objetivo analisar a produção dos principais produtos agrícolas dos seguintes municípios do Oeste baiano: Angical, Baianópolis, Barreiras, Canápolis, Catolândia, Correntina, Cotegipe, Cristópolis, Formosa do Rio Preto, Jaborandi, Luis Eduardo Magalhães, Mansidão, Riachão das Neves, Santa Maria da Vitória, Santa Rita de Cássia, São Desidério e Wanderley, no período de 1996 a 2006. Faz-se uma relação entre a agricultura familiar baseada na policultura de subsistência e o agronegócio moderno, mecanizado, voltado para a exportação. Nesse contexto, enfatizam-se como as produções dos municípios do Oeste responderam às influências econômicas, políticas e naturais, já que é uma região da Bahia que tem grande importância econômica a partir da Agricultura, destacando a produção de grãos e a fruticultura.

A justificativa deste trabalho está na importância que a região Oeste representa para o Brasil e para o estado da Bahia, a partir da sua dinâmica socioespacial, com a presença de latifúndios, da agroindústria e da produção voltada para a exportação. Esta região é a maior produtora de grãos do Nordeste, contraposta às atividades de pequenos produtores da região, com o cultivo de feijão, milho e mandioca.

2. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

O Oeste baiano está localizado na margem ocidental da Bahia, área que ficou muito tempo preservado por ser considerada um território de reserva. A área de estudo formada por dezessete municípios possui uma extensão territorial de 114.873km², correspondendo a cerca de 20% de todo território baiano, maior que alguns estados do Brasil (**Figura 01**).

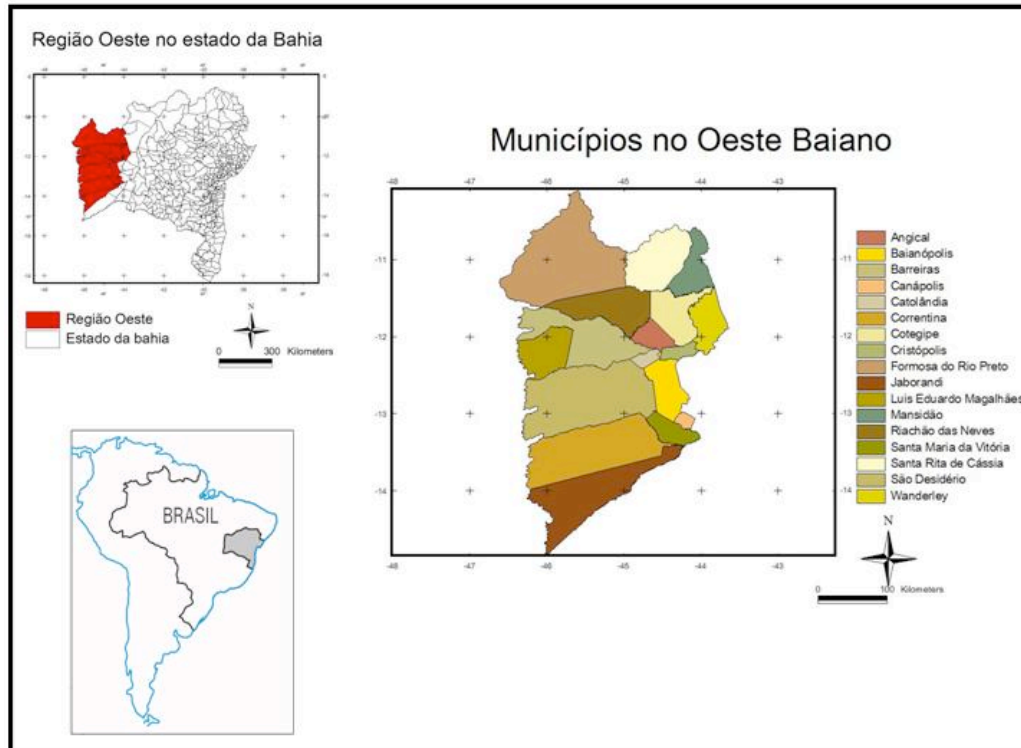


Figura 01: Localização do Oeste Baiano.

Parte da vegetação do Oeste baiano faz parte do bioma cerrado, que na Bahia, compreende aproximadamente 207 milhões de hectares, equivalentes a 24% do território nacional (EMBRAPA, 2009). O cerrado no estado da Bahia é uma paisagem bem diferente das demais existentes, contrastando principalmente com o semi-árido. Possui também acentuada diferença no que diz respeito à estrutura geomorfológica: planaltos com topos aplainados, que são propícios para a mecanização da agricultura. Essa é uma das características principais para a implantação da moderna agricultura na região, além de possuir uma vasta rede hidrográfica em todo seu território.

O clima da região caracteriza-se por uma estação seca (maio a setembro) e outra chuvosa (outubro a abril) com precipitação pluviométrica média anual de 1500 ± 500 mm. Os veranicos, períodos de seca de uma a três semanas, podem ocorrer durante a estação chuvosa, especialmente nos meses de janeiro e fevereiro. A temperatura média anual apresenta amplitude de 21,3° a 27,2°C (EMBRAPA, 2009).

Os solos são antigos, profundos, bem drenados, com baixa fertilidade natural e acidez acentuada. Classificam-se em Latossolos, Concrecionários, Podzólicos, Litólicos, Cambissolos, Terras Roxas, Areias Quartzosas, Lateritas Hidromórficas e Gleis (EMBRAPA, 2009).

3. MATERIAIS E METODOLOGIA

3.1 Materiais

Para o desenvolvimento do trabalho, construção de gráficos e tabelas foi necessário a obtenção de dados e organização dos mesmos. Os materiais analisados foram:

- Censo Agropecuário do IBGE (2008) (PAM - Produção Agrícola Municipal – IBGE)
- Dados disponibilizados pelo SIG-Bahia

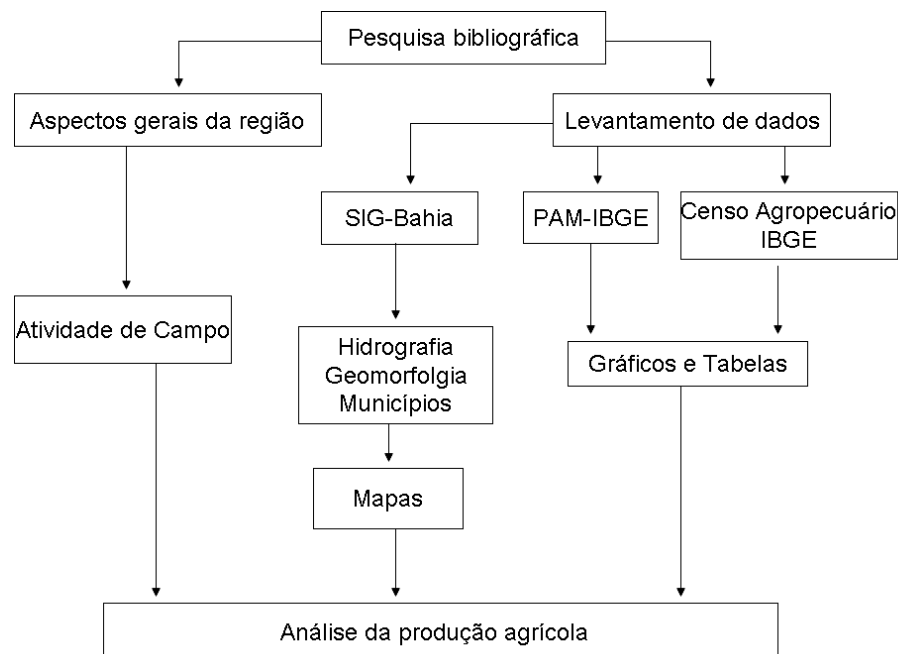
3.2 Metodologia

Primeiramente foi feito o recorte da área de estudo, a Região do Oeste Baiano, especificamente dezessete municípios inseridos nessa região, que possuem áreas incluídas no domínio morfoclimático do cerrado. Os dados referentes à produção agrícola foram adquiridos no censo agropecuário do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística com dados da Produção Agrícola Municipal. Estes são anuais, possibilitando um recorte temporal entre os anos de 1996 até 2006. O recorte temporal foi dado, para que pudesse ser feita uma análise do rápido processo que o oeste sofre em relação à agricultura, possibilitando um diagnóstico sobre a região nos últimos dez anos.

A confecção de gráficos possibilitou uma comparação visual e estatística dos dados contidos no Censo Agropecuário do IBGE, trazendo números interessantes e relevantes para o sucesso desse trabalho. Assim, é possível iniciar o entendimento da complexidade da malha fundiária do espaço agrário do Oeste baiano. Para possuir parâmetros acerca da área de estudo torna-se indispensável conhecê-la de perto, por esse motivo foram desenvolvidas atividades de campo nos anos de 2007 e 2008.

Posteriormente foram utilizados dados do SIG-Bahia e gerado mapas através do software ArcView 3.3, para a espacialização da região.

Fluxograma 01: Estrutura metodológica da pesquisa.



4. RESULTADOS DISCUSSÕES

No contexto da dinâmica do espaço agrário do Oeste baiano, podemos notar na **figura 02(a)** a estrutura geomorfológica que possibilita a consolidação da moderna agricultura na região. Vastas áreas aplainadas, principalmente nos topos do planalto, Chapadões, Gerais, que abrigam grandes latifúndios, propriedades com mais de vinte mil hectares, voltadas para produção de grãos, principalmente soja, em regime de commodities. A intensificação dessa ocupação acentua o desmatamento e a supressão do cerrado baiano, domínio morfoclimático de extrema importância do ponto de vista ecológico.

As demais áreas, com relevo mais acidentado, como as de encostas e vales, são destinadas à agricultura familiar, por possuírem terras mais férteis. Durante o processo de implantação da moderna agricultura, essas áreas não foram ocupadas, tornando-se assim, refúgio da atividade de subsistência.

A rede hidrográfica da região é bastante vasta e abundante, o que também possibilitou e viabilizou a implantação da agroindústria no Oeste baiano (**Figura 02(b)**). Existe uma série de projetos desenvolvidos principalmente pelo governo do estado que dá acesso a irrigação, contribuindo para o desenvolvimento do espaço agrário da região. A maior parte desses projetos tem o intuito de impulsionar o agronegócio, desconsiderando a população rural de baixo poder aquisitivo.

4.2. Integração e análise das informações

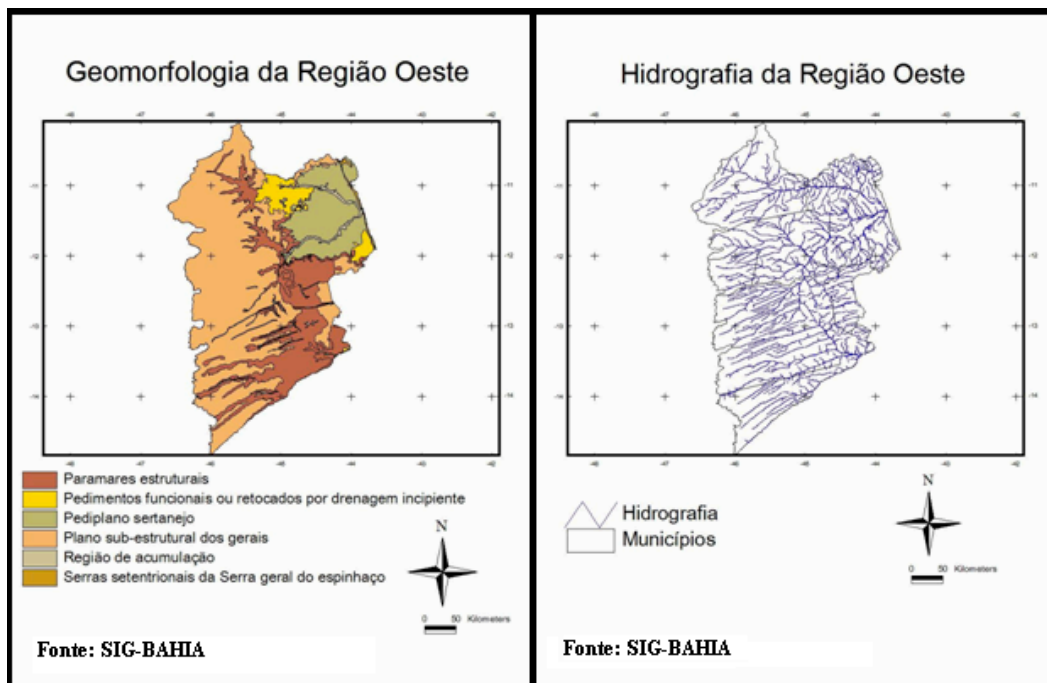


Figura 02: (a) Geomorfologia da região oeste (b) Hidrografia da região oeste

O processo de ocupação das bacias hidrográficas dado pela atividade agropecuária confere à área um processo de degradação que torna alguns rios secos em certos períodos do ano, características essas incompatíveis com a hidrografia regional. A forma de apropriação do espaço regional impacta esse ambiente de forma intensa e ainda muito pouco analisada. Outro fator agravante é a poluição causada pela grande quantidade de agrotóxicos que são utilizados para a

manutenção da lavoura, tornando as águas subterrâneas cada vez mais impróprias ao consumo. Verifica-se na região também uma grande quantidade de poços, muitos deles já secos e outros que foram aprofundados para garantir a irrigação.

O processo de retirada da cobertura vegetal, matas nativas sendo substituídas por cultivos irrigados, contribui para incluir parte da região Oeste no cenário das áreas susceptíveis a desertificação ecológica, ou seja, a exaustão dos solos e sua conseqüente impossibilidade de aproveitamento agrícola. Muitos indicadores de desertificação estão ligados ao manejo do solo, sendo a agropecuária responsável pela degradação, quando desenvolvida de forma incoerente com os padrões de sustentabilidade.

Os dados que representam a cultura da soja e a do feijão retratam a realidade e a tendência da agricultura no Oeste baiano. A cultura da soja, mecanizada, desenvolvida em grandes extensões de terra irrigadas, é exercida pela agroindústria, no intuito de atender o mercado externo, sendo o Brasil o maior exportador de grãos do mundo. Na Bahia, a região é a única do estado que possui esse tipo de cultura, ou seja, ela concentra toda a produção estadual.

No âmbito nacional, a região Oeste tem uma grande importância, ela é responsável por 4% da produção nacional. Entre os anos de 1996 a 2006, o crescimento da produção de soja está na ordem de 284%, 62% a mais que o crescimento nacional que foi cerca de 226% para o mesmo período. Esses dados demonstram que a participação do estado, cada vez mais, ganha destaque perante o Brasil. A soja atingiu safras recordes em todo país e também na Bahia a partir do ano de 2003 com a implementação de uma política de aumento das exportações de grãos, desenvolvida pelo governo federal. Em especial, o ano de 2005, o Oeste baiano foi responsável pela produção de 2.389.608 toneladas (**Figura 03**). Acompanhando o crescimento da produção, encontra-se também o aumento da área plantada que passou de 433.263 para 870.000 hectares, mais que o dobro. O município de São Desidério é responsável por 270.870 hectares, sendo o quinto maior produtor de soja do Brasil, o que remete a uma supressão das áreas de cerrado: substituição de culturas alimentícias para o mercado interno, por uma cultura voltada para a exportação.

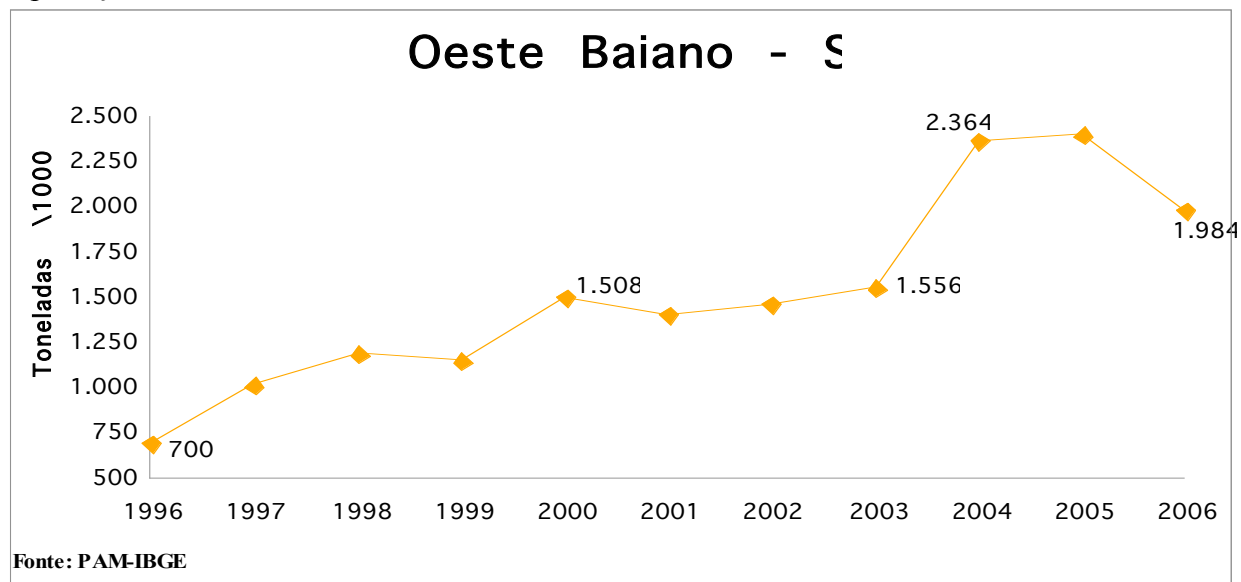


Figura 03: Quantidade produzida de soja por ano para o oeste

Fonte: PAM-IBGE, 2008

Em contraste com a soja, tem-se o feijão que é um cultivo praticado essencialmente pelo agricultor familiar. Na região Oeste da Bahia, entre o período analisado, houve uma redução na quantidade produzida de aproximadamente 25%. O feijão nessa região corresponde a 11% do total da produção baiana. O decréscimo da produção de feijão é fruto da falta de incentivo que é dado ao pequeno produtor, por não ser uma atividade importante, para os moldes capitalistas de produção no oeste (**Figura 04**). O pequeno produtor fica marginalizado, se arriscando em atividades de colheita sujeitas muitas vezes às intempéries naturais (excesso de chuva e/ou secas prolongadas) e em regime de prestação de serviço. Essa atividade não garante a renda da família durante todo o ano. O reflexo dessa falta de investimento no pequeno produtor é a expansão urbana periférica de alguns municípios da região, como é o caso de Luis Eduardo Magalhães.

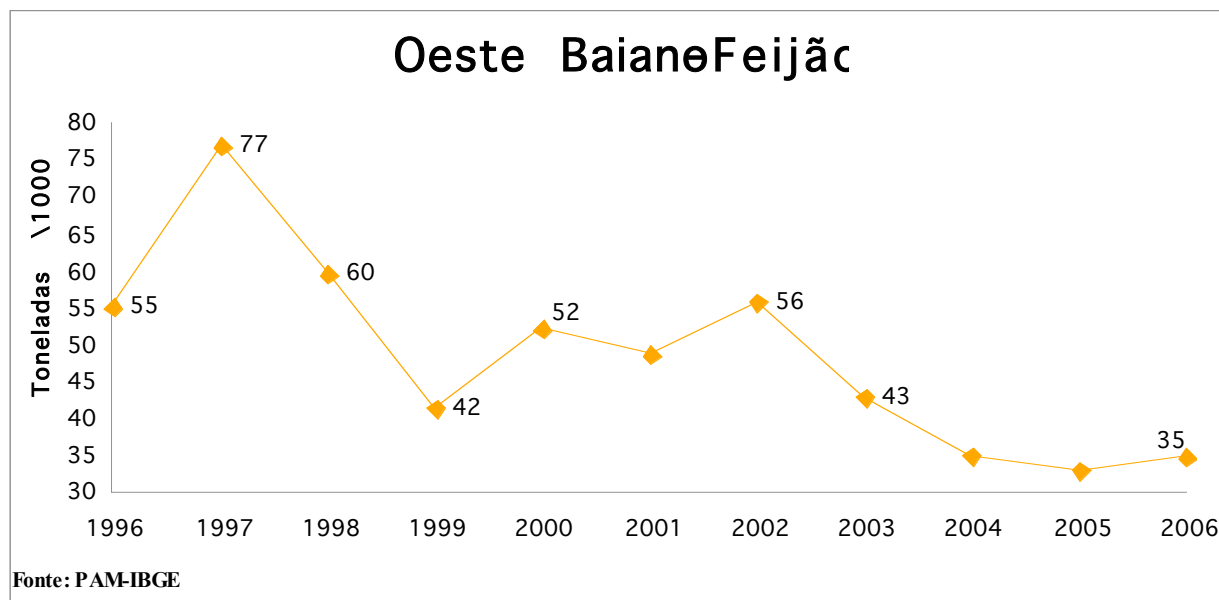


Figura 04: Quantidade produzida de feijão por ano
Fonte: PAM-IBGE, 2008

Outra atividade presente na região é a fruticultura, que está presente por conta da abundância da rede fluvial, possibilitando a irrigação e por causa do clima que fornece uma boa quantidade de chuvas e um bom nível de insolação, ideais para um maior rendimento desse cultivo. Essa cultura é desenvolvida por grandes produtores, por empresas de capital externo, e também por cooperativa de produtores. O cooperativismo é a forma que o pequeno produtor tem para se inserir no mercado.

A dinâmica da produção de frutas entre os anos de 1996 e 2006 sofreu uma série de mudanças. Alguns cultivos como o da manga e o da laranja tiveram um decréscimo de 31,6% e 65,8% respectivamente, pois as mesmas são substituídas por outros produtos. Em contrapartida, a quantidade produzida de mamão cresceu quase 2.500% nesse espaço temporal de dez anos, devido à grande procura que esse produto tem no mercado nacional e principalmente no mercado externo, e também pelo baixo custo para seu cultivo em comparação com os demais (**Tabela 01**); (**Figura 05**).

Tabela 01: Evolução da fruticultura no Oeste baiano (1996 e 2006)

	1996	2006	Diferença em toneladas	Varição(%)
Banana (t)	1.215	19.213	17.998	1481,3
Manga (t)	27.627	18.903	-8.724	-31,6
Laranja (t)	36.285	12.414	-23.871	-65,8
Limão (t)	5.229	11.200	5.971	114,2
Mamão (t)	5.128	125.000	119.872	2337,6

Fonte: PAM-IBGE, 2008

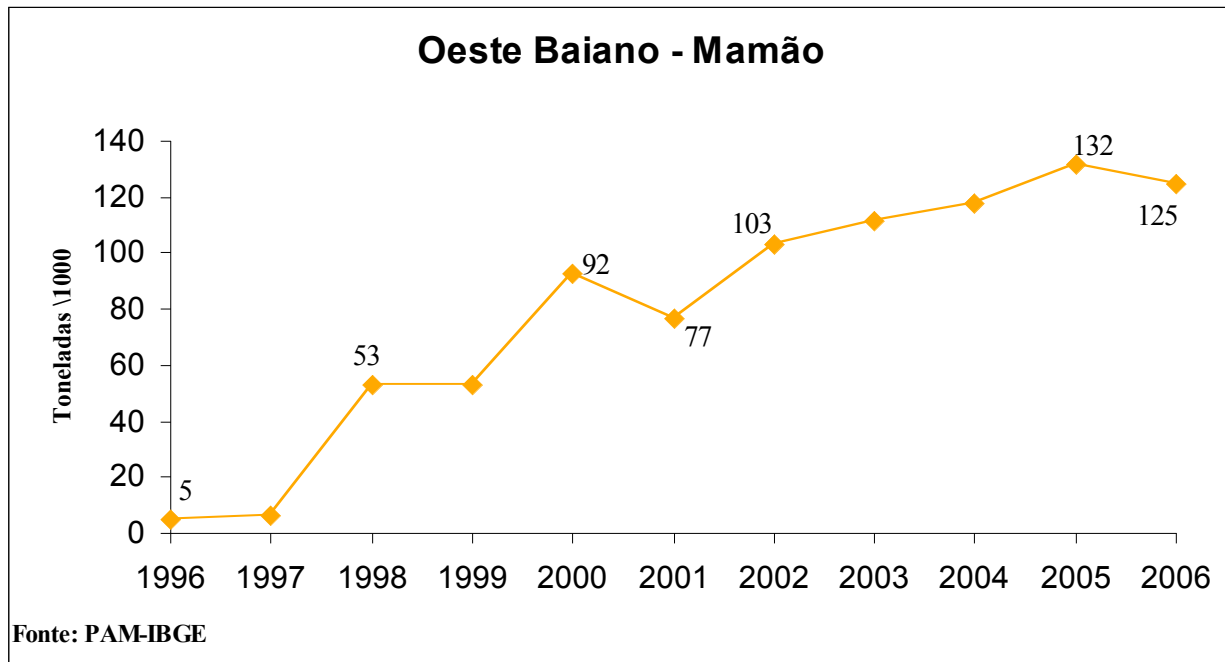


Figura 05: Quantidade produzida de mamão por ano

Fonte: PAM-IBGE, 2008

A fruticultura ainda não tem a mesma importância que o cultivo de grãos possui. Isso é especialmente condicionado por conta da mão-de-obra. Para a produção de frutas é necessário um maior número de funcionários, a colheita é feita de forma artesanal e é necessário um cuidado maior de poda, adubação, irrigação e colheita, diferente da soja, por exemplo, que todo seu processo desde o cuidado com a terra até a colheita, é feita por máquinas, diminuindo substancialmente a necessidade de mão-de-obra.

Essas relações de trabalho na região estão completamente fundamentadas no modo-de-produção capitalista, onde o empregador, donos dos meios de produção, explora a mão de obra barata e pouco qualificada do empregado. Vale ressaltar que as grandes áreas agrícolas, em geral, pertencem a gaúchos que invadiram a região em busca das amenidades locais, dos incentivos públicos e da mão de obra barata.

Mesmo com toda a modernização da Agropecuária na Região Oeste, ainda existem casos de trabalho escravo na região. Esses casos evidenciam, o interesse dos produtores que se

instalam na região, sejam eles latifundiários ou empresas internacionais que procuram o lucro de forma exacerbada, sem preocupação com o desenvolvimento, e sim com a exploração.

No Oeste da Bahia, a bovinocultura é fruto do histórico de interiorização da Bahia, onde a expansão da cultura foi se disseminando por todo o estado. No passado, o gado que ocupava a região, utilizava as partes altas da mesma, onde hoje existe o cultivo de grãos como o milho e a soja. Essas áreas eram conhecidas pelos produtores como o Gerais, local rico em alimentos para os bovinos, principalmente nos períodos de seca.

Com a expansão da moderna agricultura, a criação de gado foi ocupando os locais com relevo mais acidentado, geralmente os patamares estruturais, a exemplo do município de Angical com mais de 82.000 cabeças de gado e Corretina que já chegou a ter mais de 130.000 cabeças. Com a ampliação da exportação da carne bovina brasileira principalmente para países da Europa, a criação de gado de corte se ampliou, sendo produzido por latifúndios no modelo da pecuária extensiva.

Os pequenos produtores da agricultura familiar também criam rebanhos bovinos, mas não com o mesmo intuito e capacidade dos latifundiários. A maior parte do gado criado pelo pequeno produtor é para sustento próprio, sendo fonte de leite, e em alguns períodos do ano vendidos para abate. Esses produtores, não possuem a mesma estrutura da fazenda e por isso acabam desenvolvendo uma cultura precarizada.

A atividade se intensifica na região, como pode-se ver na **Figura 06**, onde a pecuária bovina está em ascensão desde o ano de 1996. A Região Oeste, com um rebanho de 1.290.631 cabeças, é responsável por cerca de 10% de todo rebanho da Bahia.

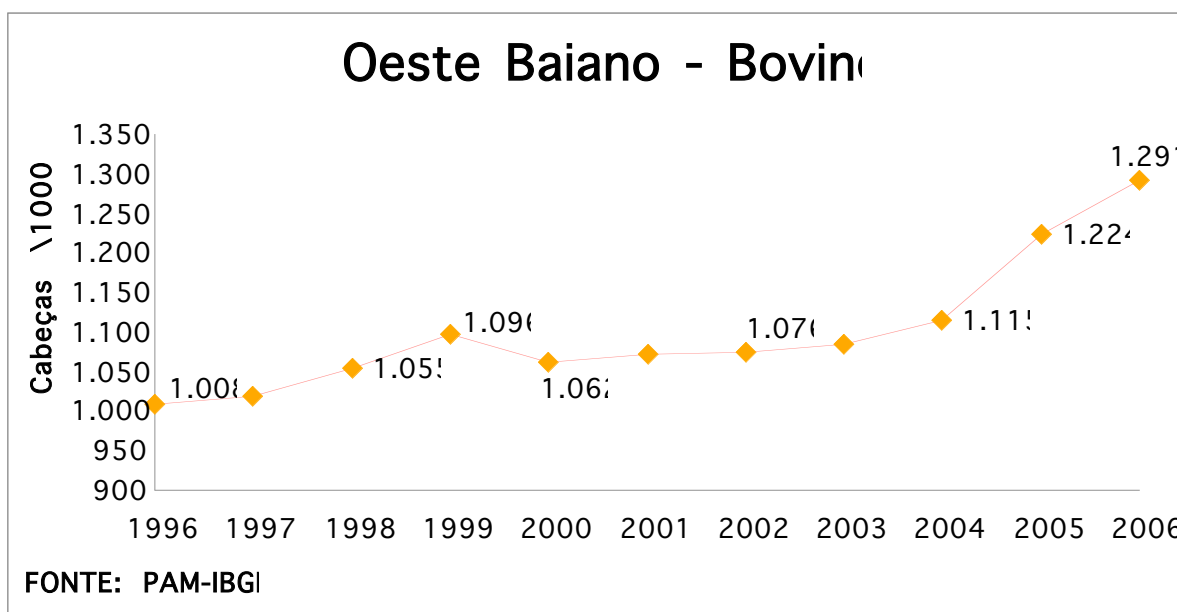


Figura 06: Total de cabeças do rebanho bovino por ano
Fonte: PAM-IBGE, 2008

Na análise desse trabalho é necessário focar o espaço geográfico, constituído de uma série de relações de ordem econômica, social, política e ambiental. São sistemas que se ligam dando origem ao conceito de espaço geográfico.

Segundo Milton Santos (1992), o espaço é uma instância da sociedade, formado pelas coisas, objetos geográficos, naturais e artificiais, formando a Natureza, tudo isso diretamente ligado às relações sócias.

Sendo assim, os homens ao produzirem seu meio de existência, produzem também sua vida material. O indivíduo é fruto das condições materiais de sua produção, ou seja, as formas de relações, sejam elas de ordem social ou econômica, estão condicionadas pela produção. (MARX, 1989)

A estrutura espacial do Oeste baiano é marcada exatamente por uma dinâmica fundamentada no espaço agrário, pois as relações econômicas da região se dão através da agropecuária. A agroindústria se apresenta consolidada na região. Evidentemente, nem todos os dezessete municípios possuem essa característica. Existe uma grande desigualdade na estrutura fundiária do Oeste e geralmente os pequenos produtores ficam a margem de programas e projetos de incentivo a produção.

Nesse contexto, a Agricultura familiar se constitui em uma estrutura social altamente flexível no que diz respeito às formas de organização da produção, podendo chegar a extremos da monocultura e da policultura (MIOR, 2005). Assim, a família está ligada, em seu íntimo, à estrutura produtiva, pois é a sua forma de sobrevivência com uma união afetiva com a terra e com o local.

Já sobre a agroindústria entende-se que é uma estrutura rural ligada diretamente aos centros urbanos, pois sua atividade é basicamente para atender demandas do mundo moderno urbano, regulada pelo mercado, sem interesses afetivos com a terra, apenas mercadológicos. Deixa-se de lado a perspectiva sustentável considerada como sinônimo de desenvolvimento rural constituindo na verdade como uma atividade degradante para o meio ambiente. Por outro lado, há uma nítida re-territorialização do espaço agrário onde a população local deixa sua lógica endógena para atender a uma demanda externa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do espaço agrário do Oeste baiano se revela nesse trabalho com uma extrema complexidade, onde a análise que cabe aos dados que foram apresentados se enquadra em uma moldura muito maior. As relações existentes no espaço da região Oeste da Bahia possuem uma magnitude mais ampla, não se restringindo ao que aqui se apresenta.

Neste trabalho verificou-se a importância do geoprocessamento para a consolidação da análise da produção agrícola da região oeste, ferramenta essa que se mostra aliada das pesquisas, potencializando o estudo do espaço geográficos.

Vale salientar que no Oeste existe uma disparidade entre a Agricultura Familiar e o Agronegócio. Distância essa devido à política capitalista intensificada desenvolvida na região, fato provado pela velocidade das transformações que sofreu a região, onde o processo de ocupação continua acelerado, visando atender às demandas capitalistas numa relação vertical. Existe na região uma política de crédito consolidada para os grandes produtores, algo que não acontece ao pequeno produtor.

Nesse contexto, há uma necessidade de se desenvolver uma política de crédito mais justa, onde a Agricultura familiar esteja incluída em projetos de desenvolvimento agrário, além da ampliação da reforma agrária utilizando terras angariadas por bancos estatais por conta da inadimplência de seus proprietários. Faz-se necessário políticas públicas mais eficientes que possibilitem o desenvolvimento contínuo de toda população, e principalmente para prender o homem ao campo, fortalecendo assim as relações horizontais em detrimento às verticais.

Na região é explícita a necessidade de conservação do bioma cerrado, que por conta do avanço da cultura de cereais corre o risco de se perder o resto de sua diversidade e riqueza no Oeste baiano. Uma fiscalização mais rígida deve ser desenvolvida pelos órgãos ambientais responsáveis, garantido o cumprimento de leis de proteção ao meio ambiente, além de garantir a conservação de áreas intocadas, transformando-as em áreas de preservação integral.

Os dados que foram levantados demonstram a magnitude da região. É possível notar as disparidades existentes em relação às culturas desenvolvidas, além de poder lançar algumas previsões: a continuidade do aumento da produção e da produtividade da soja decorrente de uma política nacional de apoio as exportações de grãos, o avanço da fruticultura como uma cultura alternativa ao agronegócio, a contínua queda da produção de feijão e o aumento do rebanho bovino.

O processo de expansão da moderna agricultura da região contribuiu para um desenvolvimento acentuado da agropecuária, gerando renda para os municípios. Fica evidenciado que a qualidade de vida de apenas uma parcela da população é melhorada, minoria, distante de uma maioria excluída do processo de modernização, que teve sua expectativa de ascensão social reduzida por conta da acelerada dinâmica capitalista instalada no oeste baiano.

Diante do que foi exposto, espera-se que esse trabalho sirva para embasar as discussões referentes à desigualdade complexa da malha fundiária no Oeste e das questões ambientais que são feridas com a intensificação do uso da terra na região. Vale lembrar que é necessário o desenvolvimento sustentável do espaço agrário, rompendo com o a proposta apresentada na atualidade, transformando os cultivos já existentes em fonte de desenvolvimento socioeconômico, garantido a terra aos que verdadeiramente as merecem.

6. REFERÊNCIAS

AB'SABER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. Cotia, SP: Ateliê, 2003. 159p

ARAUJO, Gustavo Henrique de Sousa; ALMEIDA, Josimar Ribeiro de; GUERRA, Antonio José Teixeira. **Gestão ambiental de áreas degradadas**. 2. ed Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BAHIA. Secretaria do Planejamento, Ciência e Tecnologia. **Uso da terra oeste do Estado da Bahia**. Salvador: CEI, 1993.

BAIARDI, A. . Desenvolvimento rural e consolidação da moderna agricultura familiar: de colonos a neo-farmers. Bahia análise & dados, Salvador, v. 13, n. 4, p. 951-968, 2004.

CASTRO, Iná Elias de; CORRÊA, Roberto Lobato; GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia: conceitos e temas**. 3 ed, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MARX, Karl, 1818-1883; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã: (I-Feuerbach)**. 2. ed. São Paulo: 1989. Ciências Humanas, 138p

MIOR, Luiz Carlos. **Agricultores familiares, agroindústrias e redes de desenvolvimento rural**. Chapecó: Agros, 2005. 338 p.

MOREIRA, Ruy. **Formação do espaço agrário brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1990. 83p

SANTOS, Clovis Caribe Menezes dos; CAMARA, Antonio da Silva. UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, FACULDADE DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS. **Oeste da Bahia: modernização com (des) articulação econômica e social de uma região**. 2007. 239 f. Tese (Doutorado) Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

_____. **Impactos da modernização da agricultura no oeste baiano : repercussão no espaço do cerrado a partir da década de 80**. Salvador: [s.n.], 2000. 232p Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia.

SANTOS, Milton. A redescoberta da natureza. **Estudos Avançados**, N. 14 ,., p. 95-106, jan.-abr. 1992.

SCHENKEL, Celso Salatino,; MATALLO JÚNIOR, Heitor, (Org.). **Desertificação**. Brasília: UNESCO, 1999.

SILVA, Sylvio Bandeira de Mello e; SILVA, Barbara-Christine Nentwig. **Estudos sobre globalização, território e Bahia**. Salvador: UFBA, 2003.

UMA ALTERNATIVA agroindustrial para o Oeste baiano. Salvador: Fundação CPE, 1993.

www.ibge.gov.br – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Acesso em 06 de dezembro de 2008.

www.sei.ba.gov.br – **Secretaria de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia**. Acesso em 18 de novembro de 2008.

www.cpac.embrapa.br – **Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária**. Acesso em 20 de janeiro de 2009.